

(TRANS)PASSANDO DIÁLOGOS ABORDANDO SEXUALIDADE, GÊNERO E SAÚDE NO AMBIENTE ESCOLAR

DIAS, L.F.¹; COSTA, A.R.²; RODRIGUES, T.F.³; BERNARDES, V.P.⁴; OLIVERA, R.R.B.⁵ & DIAS, N.G.⁶

¹ Graduando de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: linekeer_dias@hotmail.com; ² Residente de Psiquiatria da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: alirioresende@outlook.com; ³ Psicóloga na Atenção Primária da Rede de Saúde Mental de Uberlândia. E-mail: taishp10@hotmail.com; ⁴ Graduanda de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: viviane_bernardes@hotmail.com; ⁵ Graduanda de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: rebecabio1@gmail.com; ⁶ Médica de Família e Comunidade. Docente do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. E-mail: nicole.geovana@gmail.com

Artigo submetido em 20/04/2019

RESUMO

A escola possui papel central na educação sexual, sendo um relevante espaço formativo para realizar ações em saúde. Nesse sentido, o presente trabalho relata duas experiências de estudantes da saúde ao realizar ações voltadas para educação sexual e preconceitos de gênero em escolas públicas de nível fundamental, visando a promoção e defesa de direitos humanos no espaço escolar. Além disso, o artigo objetiva analisar as potencialidades e dificuldades identificadas pelos estudantes universitários durante a realização dessas ações. As duas experiências foram realizadas com o apoio de funcionários de Unidades Básicas de Saúde presentes na área de abrangência das escolas envolvidas nas dinâmicas. Ambas as atividades partiram de questões a serem problematizadas que abordavam preconceitos sexuais e de gênero observados no ambiente escolar. Após isso, foram

propostas dinâmicas que buscassem a familiaridade dos estudantes com a temática, respeitando a faixa etária dos envolvidos. Em ambas as atividades foi obtida a participação ativa dos alunos das escolas públicas, bem como relatos de preconceitos e situações de homofobia vivenciados por eles no ambiente de ensino. À luz das dinâmicas, o grupo pôde concluir que espaços de discussão dessas temáticas são necessários dentro do contexto da educação básica, em que ainda constata-se relatos que evidenciam estereótipos de gênero e preconceitos sexuais. Pôde-se também observar, a partir da experiência, que os principais desafios de ensino-aprendizagem envolvidos no processo são o estabelecimento de diálogos horizontais, não centrados no professor ou profissional de saúde, que empoderem os estudantes no compartilhamento de experiências e percepções acerca dessa temática.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual; Atenção Primária à Saúde; Gênero e Saúde; Direitos Humanos.

(TRANS)PASSING DIALOGUES: APPROACHING SEXUALITY, GENDER AND HEALTH IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

ABSTRACT

The school has a central role in sex education, being a relevant formative space for health actions. Thus, this work report two experiences of health students performing activities centered on sexual education and preconceptions about gender in public elementary schools to promote human rights defense in the educational environment. Also, this paper aims to analyze the potentialities and difficulties identified by the graduating students during the development of the activities. Both experiences were performed with the support of professionals of the Primary Health Care Units nearby the schools involved in the project. The activities began with issues to problematize bigotry

behavior regarding sex and gender noticed during school hours. Later, the students had proposed activities that intended to promote familiarity between the students and the theme, respecting age differences among them. On both activities, the public school's students had an active participation during their interaction with the researchers; who could collect reports of experienced discrimination and situations of homophobia in a school atmosphere. The group was able to conclude that spaces to discuss those topics are necessary within the context of elementary schools; where stories that show stereotypes of gender and sexual discrimination still exist. The health students

were also able to observe that the main challenge on teaching-learning is the establishment of horizontal dialogues not centered on the teacher or the health

professional; hence empowering the students when they share their experiences and perceptions.

KEYWORDS: Sexual Educational; Primary Health Care; Gender and Health; Human Rights.

1 INTRODUÇÃO

Contextualizando o conceito de Atenção Primária à Saúde (APS), a Conferência de Alma-Ata colocou elementos básicos para a estruturação dessa estratégia de atenção à saúde, dentre os quais podemos enfatizar a valorização de práticas complementares e a Educação em Saúde (OMS, 1978). Esta última, por sua vez, conscientiza os sujeitos sobre o direito à saúde e os capacita para a intervenção individual e coletiva sobre os fatores determinantes do processo saúde-doença (SANTOS & FOLMER, 2015).

A escola, nesse sentido, apresenta-se como um espaço privilegiado para desenvolvimento do pensamento crítico e dos valores humanos em crianças e jovens brasileiros (MORAES *et al.*, 2018). Ela pode ser considerada um potencial campo de ações, integrada aos serviços de saúde, atuando na promoção do bem-estar e na prevenção de agravos. Pensando nisso, o Programa Saúde na Escola (PSE) do Ministério da Saúde, em parceria com o Ministério da Educação, foi instituído em 2007, unindo políticas públicas para o enfrentamento das vulnerabilidades através de programas e projetos com o objetivo de promoção da saúde e educação nas escolas públicas brasileiras (BRASIL, 2011).

Em conformidade com esses preceitos, introduz-se o tema foco da experiência a ser relatada neste trabalho, que se insere tanto no campo da saúde quanto no da educação: o da sexualidade. A Organização Mundial da Saúde define saúde sexual como um conjunto de aspectos físicos, mentais, emocionais e sociais, ligados ao prazer, bem-estar e ao desenvolvimento de relações interpessoais (WHO, 2001). A sexualidade configura-se como um elemento importante no desenvolvimento da criança e do adolescente, porque diz respeito a como ele se relaciona consigo mesmo e com o outro (BARBOSA *et al.*, 2018).

Nesse sentido, a escola é lugar de socialização e aprendizagem de práticas culturais, apresentando-se como um local importante para superação de mitos e tabus (MORAES *et al.*, 2018). O que acaba contribuindo para a saúde da comunidade, pois, a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero são determinantes sociais de sofrimento e de doença (BRASIL, 2013). Contudo, muitas vezes, as escolas evitam esse tema, tanto pelo despreparo dos profissionais em abordá-lo, quanto por receio destes de confrontar ideias e princípios da

família do estudante, ou pelo fato de alguns docentes acreditarem que este assunto é responsabilidade apenas dos familiares, mesmo que este conteúdo tenha sido acrescentado aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) pelo Ministério da Educação (BARBOSA *et al.*, 2018; FRANÇA & CAUSA, 2017; GESSER *et al.*, 2015).

Diante disso, dado o caráter transversal e interdisciplinar da sexualidade, é importante que a Equipe de Saúde não transfira toda a responsabilidade da educação sexual para professores, mas que pratiquem ações intersetoriais conforme indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais, no Programa Saúde na Escola e na Política Nacional de Promoção da Saúde (PINHEIRO *et al.*, 2017).

No entanto, o diálogo da Equipe de Saúde da Família e comunidade com os adolescentes, exige o desenvolvimento de atividades que despertem interesse nos jovens, objetivo que não é alcançado com facilidade, uma vez que há menor procura deles pelas Unidades Básicas de Saúde, quando comparado com o total de usuários que comparecem ao serviço (QUEIROZ *et al.*, 2011). Portanto, para que estratégias de saúde direcionadas a essa faixa etária sejam efetivas, são importantes vivências que aproximem os adolescentes dos seus educadores, com dinâmicas que os tornem participantes ativos, estimulem o raciocínio crítico-reflexivo, assim como a troca de experiências (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

À luz do supracitado, o presente trabalho busca relatar duas experiências de discentes e profissionais da área da saúde ao realizarem ações de Educação em Saúde voltadas para sexualidade e problematizações de gênero em duas escolas públicas de nível fundamental. Ambas as ações serviram de disparadoras para as reflexões acerca da importância de iniciativas de Educação em Saúde na defesa de direitos humanos em espaços de educação.

2 MÉTODO

Este estudo se compõe do relato de duas experiências em saúde coletiva de estudantes do curso de Medicina, Enfermagem e Psicologia realizadas em ambientes de educação básica. As experiências consistiram em dinâmicas grupais propostas pelos estudantes do ensino superior em duas comunidades escolares e que tinham como objetivo serem disparadoras de debates sobre sexualidade, gênero e saúde no ambiente escolar. A faixa etária do público-alvo foi diferente nas duas ocasiões e isso foi determinante no momento de escolha das dinâmicas a serem realizadas em cada cenário.

Ambas as experiências pedagógicas foram executadas enquanto ações extensionistas vinculadas aos cursos e à Universidade de origem dos graduandos. Esses projetos de extensão

foram aprovados pelo Colegiado de Extensão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia – MG. Diante das aprovações por tal instância e da não pertinência ao campo da pesquisa, os projetos ficaram isentos da obrigatoriedade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos e do preenchimento de Termo de Consentimento Livre Esclarecido, de acordo com o item VIII do Artigo 1º da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

2.1. EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO 1º AO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

A primeira experiência se deu a partir de uma parceria entre a Liga Acadêmica de Saúde da Família e Comunidade (LASFC), vinculada à uma Faculdade de Medicina de uma Universidade Federal, a uma Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF), onde foram realizadas atividades de extensão que compuseram o cronograma da referida Liga. Por esse vínculo, a equipe da UBSF convidou os membros da LASFC para realização de uma ação de Educação em Saúde com a temática de gênero e sexualidade em uma escola infantil localizada na região descrita pela unidade de saúde.

A ação ocorreu em uma escola de nível fundamental, de 1º ao 4º ano, em um bairro da região norte da cidade. Ela foi realizada em um sábado, integrada a um evento com familiares promovido pela escola, em que, também, houveram apresentações culturais e palestras atingindo um público aproximado de 200 pessoas. Além disso, a atividade foi conduzida por três membros da LASFC e dividida em três etapas.

Na primeira etapa da dinâmica, buscou-se introduzir a temática para o público presente. Foi articulado, previamente, que a temática de gênero e sexualidade na escola infantil, tendo em vista o público-alvo da ação, seria introduzida pelos membros da Liga a partir de uma problematização com as crianças e familiares ali presentes, levantando reflexões sobre “coisas de menino” e “coisas de menina”. Questionamentos foram levantados acerca dos papéis de gênero na sociedade, por um integrante da Liga, que buscou suscitar reflexões com as crianças e com os pais presentes através de perguntas disparadoras, como: “O que é brincadeira de menino?”; “O que é brincadeira de menina?”; “Por que dividimos as coisas assim, hoje em dia?”

Previamente ao dia agendado para o encontro na escola, a Equipe de Saúde da Família pediu à diretora da escola que deixasse uma caixa no pátio da escola, com uma semana de antecedência, para que os alunos deixassem dúvidas sobre o tema sexualidade ao longo da

semana. No dia agendado para ocorrer a atividade com os membros da LASFC e equipe de saúde, o plano era que os membros da Liga, em uma segunda etapa da dinâmica, lessem em público as dúvidas contidas na caixa e discutissem-nas com os presentes.

Na terceira etapa do encontro, dois membros da Liga ficaram em lados opostos no pátio, um, do sexo masculino, representando o papel de “profissões de menino” e o outro, do sexo feminino, o papel de “profissões de menina”. Enquanto isso, um terceiro membro da Liga ficaria a cargo de falar algumas profissões ao microfone e, após fazê-lo, as crianças deveriam se locomover em direção ao representante do gênero que achassem adequado para desempenhar profissionalmente o papel citado ou, caso acreditassem que ambos estariam aptos para desempenhá-lo, se posicionariam no meio dos dois representantes de gêneros.

Por fim, foi feito uso dos seguintes materiais para execução da atividade: uma caixa de papelão para armazenamento das dúvidas, um microfone e caixa de som, ofertados pela própria escola, bem como do espaço físico da instituição - um pátio para estabelecimento da dinâmica. Ademais, faz-se relevante pontuar que a escola abarca alunos do 1º ao 4º ano do ensino fundamental e trata-se de uma instituição pública de ensino.

2.2. EXPERIÊNCIA COM ESTUDANTES DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Acerca da metodologia da segunda experiência, esta, também, surgiu da demanda de outra UBSF, onde alunos do 12º período de Medicina, da mesma faculdade dos graduandos da primeira experiência, realizavam suas atividades de extensão do Internato em Saúde Coletiva. A escola municipal do bairro entrou em contato com a UBSF de sua área de abrangência, através do agente do Programa Saúde na Escola (PSE), solicitando a realização de uma atividade na escola focada no assunto sexualidade.

Para preparação da atividade, realizaram-se duas reuniões: a primeira aconteceu na referida UBSF, na presença do agente do PSE com a equipe multiprofissional, em que os estudantes de Medicina apresentaram a proposta de atividade; a segunda reunião foi realizada na própria instituição escolar onde a dinâmica seria desenvolvida, juntamente com a direção e parte de corpo docente da escola, na qual houve aprovação do projeto pelos presentes.

Para essa segunda experiência, foram delimitados dois encontros para a ação na escola. Em cada um, utilizou-se toda a manhã letiva respeitando o intervalo do recreio. A atividade foi realizada com duas turmas pré-recreio e duas turmas pós-recreio, em ambos os encontros, impactando, assim, um número total de 120 discentes. Todas as turmas eram de estudantes do nono ano do ensino fundamental da rede pública de ensino da cidade.

No primeiro encontro, foi utilizado, como guia para sua realização, o material da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO): “*Lesson Plan: International Day Against Homophobia and Transphobia*”, publicado em 2014, o qual contém situações hipotéticas envolvendo preconceitos de gênero e sexualidade que podem ser usadas, como exemplos, em atividades com estudantes. Cada turma de alunos foi dividida em dois grandes grupos de 20 adolescentes e, posteriormente, foram apresentadas estas duas situações hipotéticas ocorridas em ambiente escolar, retiradas integralmente do material da UNESCO e lidas pelos estudantes de medicina:

Situação 1: uma menina de aparência bastante masculina tem sido vista de mãos dadas com outra menina na escola, no horário do almoço. Ela largou rapidamente a mão da outra quando notou que era observada por um grupo de colegas. Eles riem dela ao voltar do almoço.

Situação 2: há um menino novo na escola. Sua aparência é diferente do comum dos meninos em sua escola, como modo de vestir e de falar, por exemplo. Durante uma aula, um dos professores faz comentários sobre a aparência do novo aluno na frente de todos os seus colegas. O professor até procura a aprovação dos alunos e todos o aprovam, exceto um estudante que diz que todos os estudantes têm o direito de escolher sua aparência. O menino novo também protesta e diz que nunca teve esse problema antes.

Após a leitura das situações hipotéticas, neste primeiro encontro da segunda experiência, solicitou-se aos estudantes que produzissem desfechos para as situações apresentadas. Essa atividade possuía um caráter livre, podendo os estudantes de cada grupo inserir, para tanto, novos personagens no roteiro, de modo que todos os discentes envolvidos pudessem participar. Para esse momento, foi reservada uma hora para que os estudantes do nono ano pudessem trabalhar em grupo. Subsequentemente, foram reservados trinta minutos para a apresentação dos desfechos idealizados pelos grupos de estudantes. Posteriormente, foi reservado um momento para *feedback* dos educandos, reflexões e diálogo sobre a atividade.

O segundo encontro, agendado para ocorrer quinze dias após o primeiro, consistiu na realização de uma oficina de cartazes, com o mesmo grupo de alunos que vivenciaram a problematização das situações hipotéticas. O objetivo dessa oficina de cartazes foi avaliar o impacto da primeira atividade nas concepções dos alunos acerca do que foi problematizado. Os materiais utilizados foram: cartolina, folhas A4, giz de cera, pincéis e lápis de colorir.

Os grupos também foram formados por afinidade dos estudantes. O encontro foi realizado no Laboratório de Atividades Práticas da escola. O tempo destinado para a confecção dos cartazes foi de uma hora, e, para as apresentações do conteúdo, meia hora. Ao final do segundo encontro, foi organizado um momento para *feedback* acerca da atividade.

3 RESULTADOS

Para melhor entendimento dos resultados alcançados neste trabalho, a seção Resultados será subdividida em duas partes: uma referente à experiência obtida com estudantes do 1º ao 4º ano e, a outra, aos resultados atingidos com estudantes do 9º ano.

3.1. A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM CRIANÇAS: A INTERFACE INFÂNCIA, GÊNERO E SEXUALIDADE

Durante o planejamento da atividade educativa, ainda na etapa de discussão com a equipe de saúde da UBSF sobre o tema que os universitários iriam abordar com os alunos da escola, foi percebido, pelos graduandos, um anseio dos profissionais da instituição de ensino. Estes esperavam que fosse falado na dinâmica acerca de questões relativas a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) com os estudantes da escola pública. Os membros da Liga, tendo conhecimento que crianças do 1º ao 4º ano do ensino fundamental contemplavam o público-alvo da ação, problematizaram com os profissionais de saúde acerca da abordagem desse tema e de seus impactos no público-alvo que estaria presente. Na ocasião, foi sugerido, pelos estudantes universitários, o debate de gênero e seus papéis estabelecidos socialmente, muitas vezes ainda na infância. Dentre estes, destacam-se as escolhas profissionais e sonhos para o futuro, como tema que se relacionaria mais com a rotina de vida das crianças e que apareceria mais reincidentemente nas brincadeiras infantis.

Convém pontuar que, no dia da dinâmica, previamente à execução desta na escola, a vice-diretora da instituição pediu aos membros da Liga que abordassem a temática de sexualidade e gênero, levando em consideração o público e faixa etária dos presentes no evento. Dessa forma, a profissional orientou aos extensionistas que se atentassem para a linguagem utilizada, buscando efetivar o entendimento das crianças acerca das mensagens repassadas na dinâmica.

Com base neste pedido, a adaptação da linguagem para as crianças, ao trabalhar essa temática, foi feita subsidiada no estabelecimento de diálogos que evitassem termos técnicos rebuscados e, especialmente, na avaliação contínua, durante a execução da dinâmica, de se as crianças estariam entendendo as mensagens e fala dos estudantes universitários, bem como se possuíam dúvidas. Ademais, a interação destas com os propositores da dinâmica estava sendo observada com vista à percepção de possíveis desentendimentos acerca das diretrizes dadas para realização das brincadeiras.

Na realização da primeira etapa da dinâmica na escola, a qual consistiu em uma reflexão dialogada a partir de questionamentos ao público sobre papéis de gênero, tudo ocorreu conforme planejado. Alguns pais, inicialmente, não se sentiram à vontade para participar, porém, no decorrer da dinâmica, estes sentiram-se mais à vontade e interagiram com o mediador. Alguns pais teceram respostas bastante inclusivas aos questionamentos dos estudantes da Liga, como por exemplo: “Brincadeira de menina e de menino é o que eles se sentirem felizes para brincar”. A maioria das crianças, por outro lado, demonstrou algumas limitações quanto a desvincularem-se dos papéis de gênero em brincadeiras infantis, com respostas como: “Brincadeira de menino é futebol e carrinho!” e “Brincadeira de menina é boneca, casinha!”.

Em seguimento, a segunda etapa da dinâmica na escola, centrada no esclarecimento de dúvidas contidas na caixa de perguntas previamente deixada na instituição de ensino, não foi realizada, pois, a diretora da escola informou que havia colocado a caixa apenas um dia antes da data agendada para realização das atividades da Liga e que, nesse sentido, não havia decorrido tempo suficiente para a inserção de dúvidas no instrumento.

Posto isso, os membros da Liga prosseguiram para a realização da terceira etapa da dinâmica. Estavam presentes, para realização desta atividade no dia, um total de 23 crianças. Durante a realização desta, partindo da metodologia proposta, pôde-se perceber que, após a leitura das profissões ao microfone, pelo mediador da Liga, a maioria das crianças se dirigia para aquele integrante da LASFC, representante de um gênero, de forma binária. Nesse sentido, foi observado que as crianças assumiram uma postura de união com pessoas que representavam seu próprio gênero. Por exemplo, se, após a leitura de uma determinada profissão, uma criança do sexo masculino se dirigia para o integrante da Liga que representava o gênero masculino, em seguida as demais crianças do sexo masculino tendiam a fazer o mesmo. Na execução da dinâmica, poucas crianças se abstiveram e ficaram no meio do pátio, assumindo a postura de que a profissão previamente anunciada ao microfone poderia ser desempenhada tanto por homens quanto por mulheres.

À título de exemplificação, quando o condutor da dinâmica anunciou a profissão “dentista”, 9 meninas se dirigiram para o membro da Liga que representava que aquela profissão poderia ser desempenhada por mulheres, 7 meninos se dirigiram para o membro da Liga que representava que aquela profissão poderia ser desempenhada por homens e 7, entre 4 garotos e 3 garotas, se mantiveram no centro do pátio, assumindo uma posição de que esta profissão poderia ser desempenhada por homens e mulheres.

Após as escolhas do “gênero que poderia desempenhar aquela profissão”, o mediador problematizava com as crianças participantes da dinâmica o motivo de terem feito suas decisões. Observou-se, nesse momento, que as crianças tiveram dificuldade em responder, em muitas situações, por que sua profissão escolhida seria desempenhada apenas por homens ou mulheres. Porém, após a problematização de se, de fato, aquela profissão poderia ser exercida apenas por um determinado gênero, elas acabavam assumindo um discurso igualitário, respondendo que tanto meninos quanto meninas poderiam atuar naquela profissão.

3.2. GÊNERO, SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: A CONSTRUÇÃO ARTÍSTICA COMO BASE PARA AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Na atividade cênica proposta na segunda experiência, pôde-se perceber que a maioria dos alunos da escola participaram ativamente. No primeiro encontro na escola, que consistiria na apresentação das situações hipotéticas apresentadas na cartilha da UNESCO: “*Lesson Plan: International Day Against Homophobia and Transphobia*” (UNESCO, 2014) para estudante do 9º ano do ensino fundamental, a atividade foi iniciada com a apresentação da proposta de ação a ser feita na escola pelos estudantes do 12º período de Medicina.

Ainda neste primeiro encontro da segunda experiência, todos os professores da escola foram convidados a participar, mas nem todos o fizeram. Foi percebido, pelos estudantes de medicina, desinteresse por parte de alguns docentes quando convidados a comparecer na condução da ação. O agente comunitário de saúde e uma enfermeira da UBSF estavam presentes na realização da ação, participando desta como ouvintes e fazendo questionamentos que contribuiriam positivamente para reflexão dos estudantes acerca do tema.

Após a leitura das situações hipotéticas dos estudantes de medicina para os adolescentes, estes últimos foram deixados livres para determinar quais papéis iriam representar em seu grupo. Alguns grupos, inclusive, criaram novos personagens coerentes com a temática de sua situação hipotética. Cabe pontuar que alguns estudantes optaram por apenas assistir a atividade, o que foi respeitado pelos condutores da dinâmica.

Tendo em vista que os grupos foram formados por afinidade dos estudantes, em alguns momentos foi necessário auxílio de funcionários da escola para manutenção da disciplina, entretanto, no geral, todo o processo de dinâmica foi realizado com tranquilidade.

Posteriormente, ao final do primeiro encontro e após a apresentação dos desfechos idealizados pelos grupos de estudantes para as situações hipotéticas, foi reservado um espaço para reflexão sobre as encenações. Os acadêmicos de medicina questionaram aos estudantes da

escola como foi representar os papéis propostos na dinâmica, momento que serviu como gatilho para debate dos impactos desse tipo de violência no ambiente escolar e familiar.

Neste momento final do primeiro encontro, foram utilizadas questões presentes no material da UNESCO, citado anteriormente (UNESCO, 2014), para discussão de pontos como: papéis de gênero, identidades de gênero e orientações sexuais. Na discussão, vivências de bullying homofóbico no ambiente escolar apareceram nos relatos dos estudantes. Na situação e, à título de exemplificação, uma das estudantes presentes disse: “Eu tinha um amigo que sofria muito bullying por ser gay na escola e por ser muito afeminado. Ele sofria tanto com os colegas zuando e fazendo gracinha com ele que, no final das contas, teve que mudar de escola”. Em continuidade, os adolescentes, também, trouxeram falas sobre a dificuldade de dialogar sobre o assunto em suas casas, devido à intolerância de familiares.

Em seguimento, no segundo encontro com os adolescentes, ainda dentro da segunda experiência, não foram observadas dúvidas sobre a dinâmica proposta e sobre como deveriam ser confeccionados os cartazes, pois, durante a apresentação da proposta, foi ressaltado que os estudantes da escola estariam livres para produzir o que imaginassem. Ademais, apenas foi pontuado que seria necessário respeitar a temática do primeiro encontro.

Dentro da temática trabalhada no primeiro encontro, de forma livre, os estudantes trouxeram reflexões em forma de desenho ou escrita nos cartazes. As imagens a seguir são dos cartazes que foram produzidos na ação, expostos, posteriormente, em um mural da escola:

Fotografia 1 - Queremos Liberdade



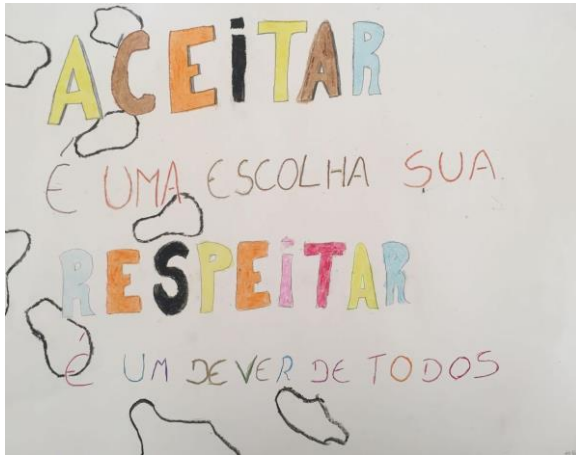
Fonte: Estudante 1 (2017)

Fotografia 2 - Respeito



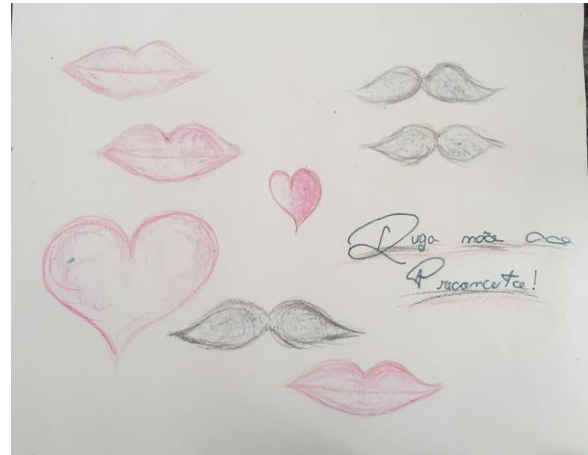
Fonte: Estudante 2 (2017)

Fotografia 3 - Tolerância



Fonte: Estudante 3 (2017)

Fotografia 4 - Diga Não ao Preconceito



Fonte: Estudante 4 (2017)

Através da riqueza das produções, foi possível observar que os alunos conseguiram refletir as temáticas da homofobia e transfobia, trabalhadas na atividade cênica realizada no primeiro encontro, representando mensagens sobre diversidade sexual e tolerância nos cartazes. Convém ressaltar, em complemento, que todos os cartazes confeccionados pelos estudantes na dinâmica objetivaram trazer mensagens de respeito à diversidade sexual.

4 DISCUSSÃO

4.1. ACERCA DO PAPEL DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE DENTRO DO CONTEXTO ESCOLAR

Por que a escolha dessas duas experiências para falar de saúde dentro da escola? Ambas as práticas foram amparadas no diálogo entre direitos humanos, educação e na percepção de que o ambiente escolar possui um papel central na educação sexual. Nesse contexto, os profissionais que atuam nesse espaço, são agentes importantes na promoção e abordagem dessa temática (MARCON *et al.*, 2016).

Contudo, há certa disparidade entre o que é produzido na literatura acadêmica, no que diz respeito aos direitos humanos, e o que é repassado em salas de aula. Nas escolas brasileiras, aponta-se a necessidade de uma nova pedagogia fundamentada na alteridade, formando seres relacionáveis plurais, de forma a efetivar os direitos humanos a todos (SCHÜLTZ e FUCHS, 2017). Percebe-se, também, que a atualização acadêmica sobre essa temática não vem aliada a mudanças significativas desse debate no ambiente escolar (MARCON *et al.*, 2016). Ademais,

cabe reforçar que, quando não é dado o espaço necessário para discussões aprofundadas sobre direitos humanos, produz-se, como resultado, a manutenção do preconceito (MARCON *et al.*, 2016). Nesse sentido, depreende-se que ambas as estratégias pedagógicas relatadas neste trabalho caminharam em contraponto a um cenário educacional que, segundo relatado na literatura científica, lançam mão, muitas vezes, de estratégias tradicionais com pouca variabilidade para abordagem desses temas.

Em continuidade, a integração de estudantes de cursos da área da saúde com UBSFs é uma tendência em ascensão que busca uma formação profissional em saúde adequada para atuação no Sistema Único de Saúde (SUS), sendo necessário o exercício da escuta respeitosa, do diálogo e da capacidade de mediação de conflitos nesse processo (CARVALHO, DUARTE e GUERRERO, 2015). Nesse cenário, uma vez que, em ambos os relatos trabalhados nesse manuscrito têm-se um diálogo de estudantes universitários com profissionais de UBSFs para execução de práticas educativas em ambiente escolar, pode-se afirmar que as duas experiências contribuíram para a aproximação da Universidade Federal com serviços públicos de saúde e, ademais, para formação e desenvolvimento de competências comunicacionais necessárias para o trabalho profissional futuro desses atuais estudantes universitários no SUS.

Também, convém elencar que o Programa Saúde na Escola (PSE) articula-se diretamente com a defesa dos direitos humanos ao propor a difusão de estratégias de Educação em Saúde embasadas em evidências científicas atualizadas nas escolas brasileiras (BRASIL, 2015). Em ambas as experiências, em alinhamento ao que é preceituado pelo PSE, ocorreu uma articulação para realização de dinâmicas nas escolas públicas visando incitar a Educação em Saúde no território que é adscrito pelas unidades de saúde. Por conseguinte, foi executado, também, uma ação que objetivou a defesa e a promoção dos direitos humanos nesse espaço.

Ambas as experiências deste manuscrito enfatizaram o diálogo como forma de produzir uma troca de conhecimentos entre o que é visto na Universidade e o que é vivenciado pelos estudantes das escolas, na perspectiva de gênero e sexualidade. Além disso, foi observado que os estudantes das escolas se comportaram de forma ativa durante a discussão da temática e a proposição das dinâmicas.

Nessa acepção, a literatura científica que aborda a temática de extensão universitária no Brasil, pontua que a ideia de transmissão unilateral de conhecimentos, por estudantes universitários, é uma das principais incoerências constatadas na realização de trabalhos de extensão universitária no país (FRAGA, 2017). Nesse viés, tal conduta, durante a realização de dinâmicas de ações de extensão, inviabiliza a efetivação da Educação Popular em Saúde na

extensão universitária, tornando-se necessário evitar essa postura para que seja construído um conhecimento conjunto, de forma democrática e voltado para a construção de uma sociedade mais igualitária (ARAÚJO *et al.*, 2015). Depreende-se, portanto, nas experiências descritas nesse trabalho, que a escuta atenta dos estudantes da Liga, ao valorizar o que os alunos vivenciaram e relataram, caminhou em consonância à efetivação de uma extensão universitária mais igualitária, em concordância com princípios de Educação Popular em Saúde para promoção de uma sociedade mais igualitária, inclusive, em cenários de ensino-aprendizagem.

4.2. ACERCA DA ABORDAGEM DE DEBATES SOBRE SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Inicialmente, cabe ao propositor de debates e dinâmicas em salas de aula entender que as crianças e os adolescentes foram afastados, historicamente, das discussões sobre gênero e sexualidade isto, especialmente, por condicionantes moralistas e religiosos que negligenciam o aspecto polissêmico que essa temática assume (SALGADO e MARTINS-GARCIA, 2018). Alinhado a isso, na atualidade, problematiza-se ainda mais a falta de inserção dessas temáticas no ambiente escolar, onde depara-se com diversas narrativas de comportamentos que reproduzem a homofobia (PINHEIRO *et al.*, 2017). Ao retomar à experiência realizada, pôde-se notar, pelo silêncio inicial do público diante das perguntas dos estudantes da Liga, um certo receio das pessoas em responderem, por exemplo, o que eles entendiam pelo termo sexualidade, uma das questões iniciais feitas na dinâmica com estudantes do 1º ao 4º ano. Depreende-se, portanto, que essa hesitação do público em responder poderia ser justificada pelos condicionantes moralistas e religiosos aos quais o público foi submetido em sua formação pessoal, afastando-o, dessa forma, do debate e reflexões acerca de questões de gênero e sexualidade.

Em continuidade, na Experiência 1, foi ilustrada uma preocupação da vice-diretora acerca das palavras que os integrantes da Liga iriam utilizar durante sua explanação e reflexão do tema proposto. Nesse sentido, alguns autores sublinham que, quando as escolas solicitam que os profissionais e estudantes de saúde abordem a sexualidade, existe certa resistência por parte da comunidade escolar ao pressupor que serão abordados o ato sexual e o que a ele é relacionado, como erotismo, IST's ou métodos contraceptivos (MAIA *et al.*, 2018). No entanto, a sexualidade humana envolve outras esferas da vida do indivíduo como as variáveis psicossociais e culturais de sua formação (MAIA *et al.*, 2018).

Neste viés, é possível deduzir que, possivelmente, o alerta inicial da vice-diretora da escola infantil, ao temer a forma como seria feita a abordagem da temática sexualidade e gênero com as crianças, pelos integrantes da Liga, seja proveniente desse entendimento superficial da temática sexualidade, por parte da profissional, que, talvez, associe o assunto apenas ao escopo do erotismo, ato sexual ou temas similares.

Em seguimento, alguns estudiosos colocam que, junto ao público infantil, é possível a abordagem da temática de sexualidade e gênero partindo de reflexões sobre como são colocadas imposições heteronormativas na escolha de qual profissão exercer no futuro (BELTRÃO e BARROS, 2017). Tais abordagens, possuem potencialidade de suscitar um entendimento inicial deste tema nas crianças (BELTRÃO e BARROS, 2017). Ancorado nesse entendimento, pode-se afirmar que a dinâmica relatada neste trabalho, com estudantes do 1º ao 4º ano do ensino fundamental, caminhou em consonância com o que a literatura científica preceitua como abordagem pedagógica adequada para estímulo às reflexões sobre sexualidade e gênero entre crianças desta faixa etária.

As dinâmicas em grupos, à propósito, apresentam-se como uma forma de empoderar os estudantes na exposição de seus sentimentos, sendo uma maneira eficiente para obtenção de diálogos e que permite abordagem de alunos considerados retraídos (FREIRE *et al.*, 2017). O educador deve, para tanto, assumir uma postura dialógica entre os discentes como estratégia para conseguir adesão à discussão (FREIRE *et al.*, 2017). Depreende-se, partindo desse imperativo, que a atividade estabelecida na Experiência 2, pelos estudantes universitários da liga acadêmica, respeitou uma abordagem pedagógica recomendada, na literatura científica, para o público adolescente.

A estratégia dialógica foi aplicada, principalmente, ao ser ofertado aos estudantes do 9º ano um momento para discussão em grupo, esta, centrada no desfecho das experiências apresentadas e retiradas da cartilha da UNESCO sobre gênero e sexualidade. Subsequentemente, resultados satisfatórios foram alcançados, dada a pluralidade de representações de gênero, sexualidade e preconceito retratadas nas oficinas de cartazes pelos estudantes (Figura 1, 2, 3 e 4). Tal achado, reforça as potencialidades colocadas em trabalhos científicos acerca da promoção de uma abordagem dialógica com adolescentes para que, através desta, sejam alcançadas reflexões eficientes sobre a temática de sexualidade e gênero.

Em continuidade, faz-se relevante entender a adolescência enquanto período que são evidenciados traços da sexualidade que distinguem os jovens em grupos sociais, podendo torná-los, a partir dessa diferenciação, indivíduos de maior vulnerabilidade para sofrer violências

fundamentadas em estigmas de gênero e orientação sexual (VIEIRA *et al.*, 2017). Como resultado disso, os pré-julgamentos direcionados a esses sujeitos têm impacto diretamente no campo afetivo-sexual (VIEIRA *et al.*, 2017).

Ademais, ao ser analisado o preconceito direcionado à sexualidade, o jovem vítima de homofobia nas escolas sofre de diferentes maneiras por não se adequar aos padrões sociais da heteronormatividade, sofrendo com violências expressadas de forma verbal e física, o que pode, potencialmente, resultar em um maior abandono da vida escolar e sofrimento psicológico de maneira profunda entre esses indivíduos, a ponto destes terem maior propensão ao autoextermínio (DINIS, 2011). Nesse cenário, pode-se afirmar que a experiência com estudantes do 9º ano, ao procurar trabalhar com adolescentes os possíveis desfechos dos estigmas sofridos por jovens LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), serviu como potencial ação voltada para redução do preconceito que esses grupos minoritários podem vivenciar, especialmente, dentro do espaço escolar.

Outrossim, apesar do caráter complementar que a escola e a família possuem no processo educativo sobre sexualidade e gênero, o professor ainda carrega uma grande responsabilidade nessa atribuição (NOTHAFT *et al.*, 2014). Nesse panorama, é importante a formação continuada dos educadores com a discussão permanente desses temas, a fim de eles próprios desconstruírem estereótipos e estarem aptos a abordar o assunto em sala de aula (SOARES & MONTEIRO, 2019). Partindo desse entendimento, em ambas as experiências deste manuscrito, os graduandos, ao discutirem a temática de gênero e sexualidade e estratégias para fazê-lo na escola, forneceram ideias aos professores que acompanharam esse processo, empoderando-os para condução da discussão desses temas em sala de aula, minimizando angústias que, possivelmente, poderiam existir, bem como ser advindas do sentimento de falta de preparo e entendimento acerca do assunto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou relatar duas experiências de discentes e profissionais da área da saúde ao realizarem ações de Educação em Saúde voltadas para sexualidade e problematizações de gênero em duas escolas públicas de nível fundamental. As experiências efetivaram a realização de estratégias pedagógicas inovadoras, necessárias em um cenário educacional onde a abordagem dessa temática é, muitas vezes, defasada e sem alinhamento com a literatura científica atualizada. Por meio delas, foi possível suscitar reflexões acerca de estereótipos de gênero em atuações profissionais e discutir preconceitos voltados para a

sexualidade e gênero, assim como conscientizar sobre os impactos na vida de pessoas estigmatizadas por esses pré-julgamentos.

Portanto, pode-se constatar que essas ações, em ambientes de ensino-aprendizagem, corroboram para a promoção de direitos humanos, especialmente, para defesa de estudantes que contemplam grupos socialmente vulneráveis. Em adição, contribuem para capacitar educadores para superação de possíveis angústias associadas ao sentimento da falta de preparo para condução dessa temática em ambientes educacionais.

Além disso, ambas as vivências proporcionaram o exercício da mediação por meio do diálogo pelos estudantes universitários com as Equipes de Saúde da Família, o que contribui para a formação de futuros profissionais da saúde com melhores competências comunicacionais para atuação no SUS.

Dentre as limitações constatadas nesta experiência pedagógica, pontua-se a extensa carga horária de aulas em cursos de nível superior da saúde, o que prejudica a manutenção das dinâmicas em um caráter horizontal dada a limitação de tempo dos estudantes em fazê-lo. Para superação, propõe-se a alternância dos participantes das dinâmicas, de forma a não sobrecarregar um mesmo grupo de discentes na condução das atividades.

Por fim, prospecta-se a necessidade de futuros trabalhos sobre o impacto de ações de extensão centradas no diálogo de graduandos com profissionais e estudantes da rede pública de educação e da Atenção Primária à Saúde, isto, para efetivação de uma formação profissional superior que valorize ações de Educação Popular em Saúde no cenário escolar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, E.P.D.S., CRUZ, P.J.S.C., ALENCAR, I.C., de BRITO CARNEIRO, D.G., 2015. EDUCAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO ENSINO SERVIÇO E COMUNIDADE: REFLEXÕES COM BASE EM EXPERIÊNCIAS NA EXTENSÃO. **Revista de APS**, Juiz de Fora, v. 18, n.4, 2015.

BARBOSA, L. U. et al. O silêncio da família e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolescência. In: COPETTI, J.; SOARES, R.; FOLMER, V. (Orgs). **Educação e saúde no contexto Escolar: compartilhando vivências, explorando possibilidades**. 2.ed. Uruguaiana: Universidade Federal do Pampa, 2018. p. 136-143.

BELTRÃO, M. E.; BARROS, S. M. de. Questões de gênero e sexualidade na educação básica: perspectivas de ensino. **Humanidades & Inovação**, v. 4, n. 6, dez. 2017.

BRASIL, Ministério Da Saúde. Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais: subtítulo do livro. 1 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 32 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Passo a passo PSE programa saúde na escola: tecendo caminhos da intersetorialidade. Brasília (DF); 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Direitos Humanos e Cultura de Paz. Cadernos De Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CARVALHO, S. B. O.; DUARTE, L. R.; GUERRERO, J. M. A. Parceria ensino e serviço em unidade básica de saúde como cenário de ensino-aprendizagem. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p.123-144, abr. 2015.

DINIS, N. F.. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, p.39-50, abr. 2011. Escolar. In: COPETTI, J.; FOLMER, V. (Orgs). **Educação e saúde no contexto escolar** [livro eletrônico] - Uruguaiana: Universidade Federal do Pampa, 2015. p. 41-53.

FRAGA, L. S. Transferência de conhecimento e suas armadilhas na extensão universitária brasileira. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, v. 22, n. 2, p. 403-419, jul. 2017.

FRANÇA, F. F.; CAUSA, G. C.. A escola como um ambiente que (re)produz representações de gênero: como repensá-las?. **Revista educação, cultura e sociedade**, Sinop, v. 7, n. 1, p. 14-31, jan./jun. 2017.

FREIRE A.K.S., et al. Aspectos psicossociais da sexualidade na adolescência: diálogos e aprendizagem na escola. **Semina: ciências biológicas e da saúde**, v. 38, n. 1, p. 111-222, jan/jun, 2017.

GESSER, M. et al. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Psicologia & Sociedade**, v.27, n.3, 558-568, Belo Horizonte, set./dez. 2015.

MAIA, A. L. de M. M.; MEDEIROS, I.; FERREIRA, D. G.. Sexualidade: uma nova área de conhecimento. **Saúde & Conhecimento-Jornal de Medicina Univag**, v. 2, 2018.

MARCON, A. N.; PRUDÊNCIO, L. E. V.; GESSER, M. Políticas públicas relacionadas à diversidade sexual na escola. **Psicologia Escolar e Educacional**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.291-302, ago. 2016.

MORAES, S. P. de; BRÊTAS, J. R. S.; VITALLE, M. S. S.. Educação escolar, sexualidade e adolescência: uma revisão sistemática. **Journal of health sciences**, v. 20, n. 3, p. 221-230. 2018.

NOTHAFT, S. C. S. et al. Educators' perspective on adolescent sexuality: possible education practices. **Reme: Revista Mineira de Enfermagem**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p.284-289, abr/jun, 2014.

OLIVEIRA, R. N. G. de et al. Limites e possibilidades de um jogo online para a construção de conhecimento de adolescentes sobre a sexualidade. **Ciência & Saúde coletiva**, [S.L.], v. 21, n. 8, p. 2383-2392, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Declaração de Alma-Ata. Alma-Ata: OMS, União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, 1978. Disponível em: <http://cmdss2011.org/site/wp-content/uploads/2011/07/Declara%C3%A7%C3%A3o-Alma-Ata.pdf>. Acesso em 15 de abril de 2019.

PINHEIRO, A.S.; SILVA, L.R.G. da; TOURINHO, M.B.A.C. A estratégia saúde da família e a escola na educação sexual: uma perspectiva de intersectorialidade. **Trabalho, Educação e Saúde**, FapUNIFESP (SciELO). Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p.803-822, dez. 2017.

QUEIROZ, M. V. O. et al. Cuidado ao adolescente na atenção primária: discurso dos profissionais sobre o enfoque da integralidade. **Revista Rene**, Fortaleza, v. 12, p. 1036-1044. 2011.

SALGADO, R. G.; MARTINS-GARCIA, P. F. Em nome dos cuidados, da proteção e da educação: infância, corpo, gênero e sexualidade como discursos entre professoras da educação infantil. **Zero-a-seis**, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, v. 20, n. 37, p.112-124, 21 maio 2018.

SANTOS, M. E. T.; FOLMER, V. A Saúde como um Tema Transversal no Contexto UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Lesson Plan: International Day Against Homophobia and Transphobia. Paris (França), 2014.

SCHÜTZ, J. A., FUCHS, C. EDUCAÇÃO ESCOLAR E DIREITOS HUMANOS: NECESSIDADES DE UMA APROXIMAÇÃO. **Perspectiva Sociológica: A Revista de Professores de Sociologia**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 39-52. 2017.

SOARES, Z. P., MONTEIRO, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educ. rev**, Curitiba, v. 35, n. 73, p. 287-305. 2019.

VIEIRA M.P., et al . Espaço dialógico sobre sexualidade na adolescência: e agora, professor? **REVASF**, v. 7, n. 14, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. WHO regional strategy on sexual and reproductive health. Copenhagen (Dinamarca), 2001. Disponível em: http://www.euro.who.int/_data/assets/pdf_file/0004/69529/e74558.pdf. Acesso em 15 de abril de 2019.